



**Organização  
Pan-Americana  
da Saúde**



**Organização  
Mundial da Saúde**  
ESCRITÓRIO REGIONAL PARA AS **Américas**

**55º CONSELHO DIRETOR**  
**68ª SESSÃO DO COMITÊ REGIONAL DA OMS PARA AS AMÉRICAS**  
*Washington, D.C., EUA, 26-30 de setembro de 2016*

---

CD55/DIV/2  
Original: inglês

**PALAVRAS DE BOAS-VINDAS DA DRA. CARISSA F. ETIENNE  
DIRETORA DA REPARTIÇÃO SANITÁRIA PAN-AMERICANA E  
DIRETORA REGIONAL PARA AS AMÉRICAS DA ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE**

---

**DPALAVRAS DE BOAS-VINDAS DA DRA. CARISSA F. ETIENNE  
DIRETORA DA REPARTIÇÃO SANITÁRIA PAN-AMERICANA E  
DIRETORA REGIONAL PARA AS AMÉRICAS DA ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE**

**26 de setembro de 2016  
Washington, D.C.**

**55º Conselho Diretor da OPAS  
68ª Sessão do Comitê Regional da OMS para as Américas**

Exma. Sra. Presidente do 54º Conselho Diretor, Dra. Violeta Menjivar,  
Exmos. Srs. Ministros e Secretários de Saúde dos Estados Membros da OPAS-OMS,  
Diretora-Geral da Organização Mundial da Saúde, Dra. Margaret Chan,  
Diretor-Geral Adjunto da Organização Mundial da Saúde, Dr. Asamoah-Baah,  
Ilustres delegados,  
Ilustres membros do corpo diplomático,  
Representantes das Organizações Não Governamentais que mantêm relações formais  
com a Organização Pan-Americana da Saúde,  
Representantes das Nações Unidas e outros organismos especializados,  
Colegas da OMS e da OPAS,  
Convidados de honra,  
Estimados senhores e senhoras:

Um muito bom dia a todos.

Esta manhã, tenho o prazer imenso de dar a cada um de vocês boas-vindas a esta nossa quinquagésima quinta reunião anual do Conselho Diretor da OPAS e sexagésima oitava Sessão do Comitê Regional da OMS para as Américas. Estou especialmente contente em receber, em nome da Repartição Sanitária Pan-Americana e de nossos Estados Membros, a Diretora-Geral da Organização Mundial da Saúde, Dra. Margaret Chan, e o Diretor-Geral Adjunto, Dr. Anarfi Asamoah-Baah.

Estamos realmente gratos pela presença de todos vocês e por disporem de seu tempo para estarem conosco. Valorizamos enormemente as intrépidas novas ideias, os conselhos sensatos e a orientação prudente que o Secretariado tem recebido dos Estados Membros há mais de um século.

Como todos os senhores e senhoras sabem, nosso mundo está mudando a cada minuto. Enquanto a comunidade internacional abraçava os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável de 2030 e nós, juntamente com nossos Estados Membros e nossos organismos irmãos dos sistemas Interamericano e das Nações Unidas, nos

---

ocupávamos com o planejamento para apoiar a consecução dessas metas, tivemos também que enfrentar desafios muito importantes e que permanecem em curso, alguns dos quais gostaria de destacar.

Do ponto de vista da saúde, foram obtidos grandes avanços em escala mundial, os quais permitiram que as pessoas tenham vidas geralmente mais longas e mais saudáveis. Porém, alguns desafios consideráveis para a saúde global persistem, desde o surgimento e reemergência inesperados de doenças infecciosas como o Ebola e o vírus Zika, passando pelo ônus crescente das doenças crônicas não-transmissíveis [NCD na sigla em inglês] e seus fatores de risco, até os custos proibitivos da assistência em saúde, especialmente nos países em desenvolvimento.

Do ponto de vista econômico, apesar dos ganhos enormes na produção global, há indícios de que nossos atuais sistemas financeiros são inadequados para eliminar a desigualdade generalizada na Região. A crise financeira global de 2008 expôs importantes pontos dos sistemas monetários e revelou algumas das vulnerabilidades que podem resultar de um mercado global interconectado. Vários anos após esta crise, a economia mundial está ainda às voltas com o crescimento lento, políticas monetárias não convencionais nas grandes economias e restrições orçamentárias. Na América Latina e no Caribe, um desafio crucial é que a recente recessão econômica provocou uma desaceleração da redução da desigualdade e um aumento do número de pessoas vivendo em situação de pobreza, pela primeira vez em uma década.

Do ponto de vista climatológico, já estamos vivenciando impactos notáveis da mudança climática; eventos como as secas e as tempestades estão ficando mais frequentes e intensos, enquanto os padrões de precipitação e temperatura tornaram-se mais imprevisíveis. Se as temperaturas globais subirem mais do que 2 graus Celsius até 2100, a América Latina e Caribe—a segunda região mundial mais propensa a desastres naturais—será uma das mais atingidas pelos extremos da mudança climática. Em relação aos esforços para combater e mitigar esses impactos, foi alentador observar que todos os países latino-americanos assinaram a histórica Declaração de Paris sobre a Mudança Climática em dezembro de 2015. A mudança climática também está repercutindo negativamente na produção agrícola e alimentar e, conseqüentemente, está dificultando nossa capacidade de conseguir segurança alimentar e melhor nutrição.

Em matéria de equidade e desigualdade, apesar de progressos consideráveis, segundo um relatório recente do PNUD, 10 dos 15 países mais desiguais do mundo estão na América Latina e no Caribe. O PNUD calculou que mais de 220 milhões de pessoas na região não conseguiram ascender à classe média, mas não podem ser classificadas como pobres. A maioria desta população é de mulheres e homens da região que vivem em situação de vulnerabilidade, subsistindo com pouco mais de US\$ 4 por dia, ou seja, no limiar da pobreza, mas que estão em risco de cair na pobreza à

primeira crise financeira ou de saúde ou quando ocorre uma catástrofe natural. As mulheres e jovens, principalmente em comunidades pobres ou rurais e de ascendência africana e indígena, estão entre os mais vulneráveis.

Conseguir igualdade de gênero foi outro desafio que tivemos que enfrentar. Igualdade entre os homens e mulheres em todos os aspectos da vida, do acesso à saúde e educação ao poder político e potencial de renda, é fundamental para a prosperidade e crescimento das sociedades. Embora tenhamos obtido avanços rumo à igualdade de gênero na Região como um todo, esta mudança não está ocorrendo tão rapidamente como esperávamos.

Tecnologicamente, adentramos a era da Quarta Revolução Industrial: uma transformação tecnológica liderada pelo advento da Internet ubíqua e móvel. A Internet vem mudando a maneira como vivemos, trabalhamos, produzimos, consumimos e nos divertimos. Com um alcance tão extenso, é inevitável que as tecnologias digitais desestabilizem muitos de nossos modelos existentes de negócios e governo. Coletivamente, nosso desafio é administrar esta transformação radical de uma maneira que não produza fragmentação, exclusão ou dano social, e sim que assegure o bom aproveitamento de seu potencial de modo a trazer o maior benefício para todos, incluindo seu uso para a mobilização de novas soluções de atenção à saúde que poderiam ajudar muito na prevenção e tratamento de doenças, mesmo em cenários de baixa renda.

Antes de continuar, eu gostaria de destacar três desenvolvimentos notáveis e abrangentes em nossa região. O primeiro diz respeito à Colômbia e, neste sentido, eu gostaria de aproveitar esta oportunidade para parabenizar calorosamente o Governo da Colômbia na ocasião da assinatura do acordo histórico de paz. Alguns de vocês talvez não saibam que, durante a década de 80, a OPAS elaborou uma iniciativa chamada Saúde como Ponte para a Paz, que foi aplicada com êxito na América Central e desde então foi adotada em vários países com conflitos em todo o mundo. As muitas lições aprendidas e boas práticas decorrentes desta iniciativa agora serão consideradas na Colômbia para construir a base técnica necessária para fortalecer o setor da saúde nas áreas afetadas por este conflito de longa data. Continuaremos colaborando de maneira muito próxima com as autoridades nacionais e parceiros na Colômbia para assegurar que todos os povos tenham acesso equitativo a serviços de saúde de qualidade.

Em segundo lugar, em 20 de setembro de 2016, o Secretário-geral das Nações Unidas, Ban Ki-moon, expressou “enorme remorso e pesar pelo profundo sofrimento dos haitianos afetados pelo surto de cólera no Haiti”. Ele indicou também que as Nações Unidas têm uma responsabilidade moral com as vítimas do surto de cólera e se comprometeu a aliviar sua situação difícil, melhorar suas vidas e apoiar o Haiti na

construção de sistemas robustos de abastecimento de água, saneamento e saúde. O Secretariado da OPAS saúda esta mudança de perspectiva da parte do Secretário-geral.

Como vocês devem saber, a OPAS é membro fundador e serve como Secretariado da Coalizão Regional para Eliminação do Cólera na Ilha Hispaniola. O trabalho desta coalizão possibilitou avanços consideráveis rumo à melhoria dos sistemas de água e saneamento no Haiti. Lamentavelmente, a captação de recursos financeiros suficientes continua sendo um desafio. Agora, com base nos comentários do Secretário-Geral, temos esperança de que este desafio será amenizado. A OPAS continua prestando cooperação e apoio técnico ao Haiti na vacinação contra o cólera, abastecimento de água, saneamento e administração dos serviços de saúde para tratar e conter os casos de cólera.

O terceiro desenvolvimento importante que gostaria de citar diz respeito ao tema da resistência aos antimicrobianos, pois a Assembleia Geral das Nações Unidas convocou recentemente uma reunião de alto nível de um dia, com seus Estados Membros, organizações não governamentais, a sociedade civil, o setor privado e instituições acadêmicas, dedicada a este tema. Os objetivos primários desta reunião foram aumentar e melhorar a conscientização sobre a resistência aos antimicrobianos e fomentar e manter um forte compromisso político nacional, regional e internacional para que esta questão crítica seja abordada de maneira integral mediante enfoques multissetoriais.

Esta reunião ressaltou o importante papel e as responsabilidades dos governos, assim como a função crucial das organizações intergovernamentais relevantes, especialmente a Organização Mundial da Saúde nas suas atribuições e em coordenação com a Organização para Agricultura e Alimentação [FAO] e a Organização Mundial da Saúde Animal [OIE]. Esta reunião também salientou a necessidade imperiosa de esforços e engajamento multissetorial e transectorial com todos os setores relevantes da sociedade em resposta ao desafio da resistência aos antimicrobianos. Devemos tomar medidas urgentes agora contra esta grande ameaça à saúde humana; neste sentido, quero assinalar que a OPAS já começou a trabalhar com seus Estados Membros na elaboração de planos nacionais pautados pelos cinco objetivos estratégicos do Plano de Ação Global da OMS. Em julho deste ano, durante a 17<sup>a</sup> RIMSA, reunimo-nos com a comunidade de Saúde e Agricultura, inclusive Ministros e representantes de ONGs, para discutir a iniciativa *One Health* e o uso de antibióticos.

Mudando de assunto, gostaria de registrar que, durante os últimos 12 meses, o Secretariado continuou a colaborar com nossos Estados Membros para abordar uma ampla gama de questões técnicas no marco de nosso Plano Estratégico 2014-2019 e especificamente definidas em nossos programas de trabalho bienais, acordados com os Estados Membros. Alguns desses esforços incluíram atividades planejadas para

fortalecer os sistemas de saúde resilientes e avançar rumo à saúde universal; a continuidade de nossas iniciativas para eliminar as doenças infecciosas, como a transmissão materno-infantil de HIV e sífilis, a oncocercose e o sarampo; o combate às DNTs e seus fatores de risco, principalmente o tabaco, o consumo de bebidas açucaradas e o consumo excessivo de sal e de alimentos processados e com alto teor de gordura.

Ao mesmo tempo, porém, respondemos a uma série de emergências de saúde e desastres, que incluíram uma epidemia sem precedentes provocada pelo vírus zika recém-emergente em nossa região; um terremoto de magnitude 7,8 no Equador; vários furacões e tempestades tropicais no Caribe; e uma movimentação inesperada de migrantes pela América Central. Nosso trabalho com relação a esses eventos será abordado mais plenamente e com mais detalhes em meu Relatório Anual de 2016.

Enquanto prestamos cooperação técnica ativa a nossos Estados Membros, também procuramos renovar-nos institucionalmente através da colaboração com as reformas chave da OMS, que incluíram o novo marco de colaboração com atores não-estatais, mais conhecido como FENSA, assim como o novo Programa de Emergências de Saúde. Em resposta às reformas da OMS em matéria de Emergências de Saúde, tenho o prazer de anunciar que criamos um Departamento de Emergências de Saúde na OPAS, que combina a antiga Área de Preparativos para Situações de Emergência e Socorro em Casos de Desastres e a Área de Regulamento Sanitário Internacional/Alerta e Resposta ante Epidemias e Doenças Transmitidas Pela Água em uma única estrutura consolidada de gestão. Este departamento novo alinhará funcionalmente seu trabalho em resposta a emergências com o novo Programa de Emergências de Saúde da OMS, porém mantendo o trabalho em áreas prioritárias que são específicas para a Região das Américas.

Acredito que conseguimos muito durante esses últimos 12 meses, apesar dos desafios numerosos e recém-emergentes com os quais nos deparamos no meio do caminho. Não cabe a menor dúvida de que esses avanços foram possibilitados pelo trabalho duro dos funcionários da Secretaria para catalisar ações em saúde pública; pelos firmes compromissos financeiros e políticos dos governos; pela firme dedicação e trabalho incansável dos profissionais da saúde em todos nossos Estados Membros; e pelas contribuições sinérgicas de nossos muitos parceiros, doadores, ONGs, etc., os quais têm contribuído para estender o alcance da nossa cooperação técnica.

Pensando adiante, cabe fazermos uma pausa para observar que a Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe [CEPAL] projetou que a população regional da América Latina e Caribe atingirá 763 milhões de pessoas até 2050, das quais 186 milhões terão mais de 60 anos. Os sistemas de saúde regionais terão que se adaptar a essas mudanças maciças no crescimento da população, que estará concentrado nos países mais pobres, assim como ao número cada vez maior de pessoas idosas. Para

tanto, será preciso mudarmos do atual enfoque em tratamento de pessoas doentes para um enfoque de prevenção das enfermidades e preservação da saúde das populações. Minha pergunta para todos vocês é como lidarmos com esta enorme transição demográfica e como assegurarmos que nossos sistemas regionais de atenção à saúde estarão prontos para o futuro.

Eu gostaria de ressaltar que simplesmente construir mais alguns hospitais não resultará em uma melhor saúde para país algum. Se queremos obter avanços tangíveis em direção ao acesso universal à saúde e cobertura universal de saúde e assegurar a sustentabilidade a longo prazo de nossos sistemas de saúde, precisamos reexaminar as estruturas de nossos sistema de saúde e financiamento. Precisamos começar a investir mais em sistemas de atenção primária plenamente integrados com os outros níveis de assistência, inclusive a prevenção e promoção da saúde. Neste sentido, insto os Estados Membros a reafirmarem a prioridade da atenção primária à saúde em suas agendas nacionais.

Para terminar, observo que temos uma agenda cheia e muito interessante pela frente, inclusive com vários notáveis eventos paralelos. Abordaremos uma ampla variedade de temas, desde questões de saúde pública até assuntos críticos de natureza programática e de política, e teremos atualizações sobre vários assuntos técnicos, administrativos e financeiros. Não tenho dúvida de que, sob sua orientação especializada, teremos uma semana muito bem-sucedida e produtiva, unificada pela nossa dedicação sincera à saúde e ao bem-estar dos que vivem nas Américas e com nossos olhos fixos no horizonte de 2030.

Muito obrigada a todos.

- - -